

# *Ler Amilcar Bettega*<sup>1</sup>

Luiz Antonio de Assis Brasil | PUCRS

*Resumo:* Este pequeno ensaio tem como objetivo a apresentação do escritor Amilcar Bettega, acentuando em sua obra o rigor formal, a temática intimista, as personagens que incidem criticamente no grotesco e um universo surreal de fantasia.

*Palavras-chave:* Amilcar Bettega, Fernando Botero, Surrealismo, Intimismo.

Cabe-me apresentar o Amilcar Bettega e seu livro *Deixe o quarto como está*. Sei disso, mas não consigo fazê-lo sem dizer algo na primeira pessoa, e não passa de um parágrafo. Na verdade, preciso justificar minha presença aqui neste ato. Logo entenderão. Vamos ao parágrafo.

Conheço o Amilcar desde 1992, dez anos, portanto. Em 1993 ele fez parte do *Contos de oficina n.º 10*, uma série que já vai pelo vigésimo oitavo volume.<sup>2</sup> Ali ele participou com três contos, *O forte está vazio*, *Assim ia costurando a vida deles e a minha junto* e *Vigília*. Lendo esses textos e comparando-os aos de *Deixe o quarto como está*, percebe-se que Amilcar não mudou quanto à profunda estranheza de seus temas. Já ali estava o escritor pronto, prontíssimo, que depois iria publicar *O vôo da trapezista* em 1994, e seguidamente, participar

1. Notas da apresentação oral do livro BETTEGA, A. *Deixe o quarto como está*. (São Paulo: Companhia das Letras, 2002), realizada no Instituto Estadual do Livro, em Porto Alegre em 28.05.2002.

2. Atualmente no trigésimo sexto volume.

de antologias de muito prestígio. Amilcar logo tornou-se autor premiado: recebeu merecidamente, em 1995, o Prêmio Açorianos de Literatura por *O vôo da trapezista*. Possui um inédito, chamado de *Os lados do círculo*,<sup>3</sup> apresentado à banca de Mestrado da qual tive o prazer de participar. Vieram outros reconhecimentos, como o Programa de Bolsas para Escritores Brasileiros da Fundação Biblioteca Nacional em 1997, e uma estada nos Estados Unidos. Tudo isso acompanhei com a fidelidade de pai e a atenção de professor. Fim de parágrafo.

Se fosse necessário dizer a quem o texto do Amilcar se parece, seria possível afirmar: com as figuras do escultor e pintor colombiano Fernando Botero; ou as figuras de Botero se parecem com o texto do Amilcar. Ou os textos do Amilcar e as esculturas de Botero provêm ambas da deformação a que são submetidos os seres humanos.

Muitas vezes desejamos conhecer o significado de diversas obras das quais gostamos, mas em si mesma, a arte consiste em abrir mundos e possibilitar que a imaginação se encarregue de dar o toque mágico às obras da pintura, da escultura, da música, da literatura.

A arte de Botero e os textos do Amilcar não escapam disso. Ambas afirmam uma realidade verdadeira para plasmar uma realidade imaginária, a qual obterá certo sentido se acordo com cada leitor ou observador. Mas talvez o mais importante é, como sempre, essa realidade imaginária, que ganha força na medida em que é verossímil.

Entendamos melhor: as personagens de Amilcar povoam uma estrutura permanente, e são vistas perante a realidade estatutária que o narrador lhes dá. A verossimilhança, tão desejável na ficção, aqui aparece como a pedra de toque de toda história; sem querer, entretanto, somos conduzidos a um universo que as coisas sim, são verdadeiras, mas vivem uma verdade sempre posta sob suspeita. As ações das personagens navegam num mar de coisas ali postas e triviais – eu diria até: quase inocentes. E da máxima concretude o narrador vai para uma supra-realidade perturbadora. Mesmo que nossa intenção insista em resistir, a narração nos envolve de tal maneira que até agradecemos ao autor por ele nos encaminhar para um mundo que jamais teríamos a ousadia de criar.

Neste livro, Amilcar dá um salto, se não de qualidade – porque ele já a possui de há muito – mas na criação de algumas narrativas que possuem um forte componente surreal.

3. Seria publicado pela Companhia das Letras em 2004, e receberia o Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira.

Para sintetizar e ser breve, pretendo em poucas palavras enumerar as características deste livro:

1. Forte rigor formal. Amílcar é um estilista. Nada falta, nada sobra. Ele tece os fios da narrativa como um ourives, ou ainda melhor, como a naturalidade com que a seda sai de um casulo.

Observe-se a essencialidade deste trecho que abre o conto *Espera*.

Ela canta. Mas nem parece que está logo ali, atrás daquela parede. Sua voz está sempre tão longe. Já aprendi a identificar cada passo do seu ritual. Agora ela está nua porque há pouco a ouvi naquele movimento de erguer a camisola pela barra e puxá-la por cima da cabeça. É um pequeno instante em que ela interrompe a canção, o tempo suficiente para que o colarinho cruze por sua boca e por seus olhos, que sempre se fecham nesse momento. Então ouço o ruído surdo que faz o tecido da camisola quando ela é jogada ao chão, amontoando-se ao pé da porta e cheia do calor do seu corpo. Cubro o rosto com o lençol e sei que o cheiro da sua repentina nudez já se espalhou pelo ar do banheiro. Livre da roupa, ela volta a cantarolar, e a melodia me remete à sensação de distância. Fico sem saber se a sua voz está de fato distante ou se é ela que está cantando a própria distância. (p. 105)

2. A temática é preferentemente intimista, escrita na primeira pessoa e salvo engano, apenas três dos quatorze contos estão em terceira pessoa. Isso mostra bem que não teme a possível aproximação autor/autor que o leitor fatalmente fará, mas muito mais do que isso: o narrador transforma-se a cada conto. Mesmo pertencendo ao mundo dos derrotados, todos são únicos em suas derrotas. Não há um destino igual ao outro.
3. Os conflitos de suas personagens são aqueles derivados da não-adequação ao mundo, e como fala o subtítulo, estão imersas numa impotência transcendental a tolher os passos; parecem viver aqueles pesadelos em que estamos em meio a uma situação insustentável e nossos membros não conseguem nos afastar dali, não nos impelem a uma ação.
4. Por vezes, as personagens de Amílcar incidem no grotesco, e daí a aproximação com a arte de Botero. Isso se vê, em especial, no conto que inaugura a antologia, *Auto-retrato*. Se tomarmos o estudo de Wolfgang Kayser na obra *O grotesco*:

*configuração na pintura e na literatura*,<sup>4</sup> veremos como é fundamental, na expressão grotesca, o temor que o mundo nos inspira. O artista, governado por forças desconhecidas, representará então esse medo na forma de um *mundo estranhado*. Para Kayser, o grotesco é a manifestação do fantasma interior do artista, que representa o mundo através de uma *expressão deformadora*. São dessa estirpe as obras de Hieronymus Bosch e Pieter Brueghel, nas artes plásticas; E.T.A Hoffmann e Edgar Allan Poe, no âmbito literário.

Num dos contos fundamentais do livro de Amílcar, *Hereditário*, está presente, uma surda evocação do passado e toda a repulsa e medo que o mundo inspira. A geléia que se gruda à mão do narrador, a geléia que ficou da herança paterna, cola-se à vida do narrador, e a lembrança do pai assume contornos do grotesco e do trágico. Não há salvação possível: somos uma presença em que se fundem inúmeras vertentes. Não podemos nos livrar delas. Grudam-se em nós, pegajosas e soturnas.

5. Observa-se a presença do surreal, ou, como se dizia antes, da fantasia. O conceito de *fantasia* como manifestação do intelecto, foi desenvolvido por Hugo Friedrich em sua obra *A estrutura da lírica moderna*. Ao buscar recurso no soturno, no obscuro, no absurdo, no feio, no modo de ver enigmático, enfim, nas forças negativas, as poéticas modernas promovem *anormalidades e dissonâncias*. Esse espaço transgressor é propício para a prática de categorias como decomposição, deformação, abstração e fantasia. De todas essas categorias, amparado em Baudelaire, Friedrich elegerá as duas últimas – a fantasia e a abstração – como fundamentais.

É essa fantasia que encontramos em *Crocodilo I*:

Imperceptível, apesar de eu estar vendo. Sim, alguma coisa mudava em mim. Comecei a ver que muitos homens e mulheres que passavam apressados, metidos em seus ternos e tailleurs e carregando suas pastas ou dirigindo seus automóveis sabe-se lá para onde, muitos deles levavam às costas um gato, um cachorro, às vezes uma pomba. Por vezes só se via uma cabecinha sobressaindo-se à gola da camisa, junto à nuca. Outros deixavam escapar um rabo, uma pata. E em vários era apenas o volume sob a roupa, uma suave elevação no dorso, o que para mim já

4. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1986.

dizia tudo. Agora que fiquei louco, eu pensava, estou vendo coisas. Era então que eu me dava conta de que trazia o crocodilo nas costas, porque ele não se agüentava e emitia aquela risada rouca no meu ouvido e dizia: “tem razão”. Eu não lhe dava muita bola. Aliás, além de reconhecer o bem-estar que ele me transmitia, nunca lhe dei bola. (p. 57)

A fantasia persegue o narrador como acontece com o protagonista de um conto no mínimo magistral, cujo título é *O rosto*. Há, nesse texto, uma profunda simbologia: o protagonista é seguido por um rosto, um rosto ancestral e mítico, e isso nos leva a pensar nas tantas *personae* com as quais precisamos mascarar nossa frágil existência. É um rosto obsessivo e trágico, que tanto pode devorar como afagar. É nosso rosto primordial, que nos persegue desde que habitávamos as cavernas. E possivelmente esse rosto prenderá nossos calcanhares ao menos deslize.

Nota-se, ainda, neste livro, uma persistente e desesperada solidariedade do narrador com suas criaturas. São seres que inspiram compaixão, pobres vítimas de si mesmo ou do tempo em que vivem; essa solidariedade é especialmente visível quando aparecem crianças como personagens – aliás, uma característica verificáveis já em *O vôo da trapezista*. Amilcar deita sobre a Humanidade um olhar de intenso conforto, como a dizer às suas personagens: *sei que sofres, mas estou contigo*.

Ora, não é isso que justifica toda literatura?

Muito mais haveria de ser dito a respeito desse livro que é, sem favor algum de minha parte, uma obra para ficar entre as melhores produções da atual literatura brasileira. Sei que fui incompleto, falho e talvez equivocado. É que *Deixe o quarto como está* é um desses textos que, após a leitura, ficamos meio sem fala, perplexos e aturcidos.

Nunca tínhamos lido algo semelhante. E com isso, acho que se diz tudo.

*Résumé: Ce bref essai vise à présenter l'écrivain Amilcar Bettega et à mettre en évidence la rigueur formelle de son oeuvre, sa thématique intimiste, ses personnages qui tendent de façon critique vers le grotesque et son univers surréel de fantaisie.*

*Mots-clés: Amilcar Bettega, Fernando Botero, surréalisme, intimisme.*